

SUMÁRIO

Introdução

1. Identidade Surda.....	3
1.1 O encontro com a alteridade.....	5
1.2 Categorias de Identidades Surdas.....	7
1.2.1 Identidade Surda Flutuante.....	8
1.2.2 Identidade Surda Incompleta.....	11
1.2.3 Identidade Surda de Transição.....	11
1.2.4 Identidade Surda Híbrida.....	12
1.2.5 Identidade Surda.....	12
2. Comunidade Surda.....	14
2.1 Início das Organizações Surdas.....	14
2.2 Origem das Associações Surdas no Brasil.....	15
2.3 As comunidades Surdas no Brasil.....	18
2.4 Quem faz parte da Comunidade Surda.....	18
3. Cultura Surda.....	20
3.1 Definição de Cultura.....	20
3.2 Questão Multicultural Surda.....	22
Bibliografia.....	24

Introdução

Atualmente, na área da surdez, debata-se muito sobre a cultura, identidade e comunidade surda.

Antes de tudo, para entendermos melhor o que é cultura, identidade e comunidade surda, precisamos primeiro nos desarmar de nossos preconceitos e olhar para o surdo não como um deficiente, mas sim como um indivíduo diferente. Afinal, se refletirmos sobre o conceito da palavra deficiência, nós perceberemos que todos, em alguma área de nossa vida, seja física, emocional, familiar, profissional e outras, temos algum tipo de deficiência e nem por isso somos rotulados de deficientes.

A única diferença entre o surdo e o ouvinte é o fato de o surdo não utilizar como canal e meio de comunicação a audição, mas essa aparente e pequena diferença desencadeará uma série de fatores que veremos a seguir.

Segundo Perlim 1998 “Ser surdo é pertencer a um mundo de espaço visual e não auditivo”

1. Identidade Surda

O sujeito se constrói quando estabelece contatos com o meio e vive situações diferenciadas de representação. Os discursos que constituem as representações definem poderes desiguais que ocupam diferentes espaços e controles dentro dos grupos. Michel Foucault (1990) dá a idéia sobre as relações de poder que ocupam lugares diferenciados. Essa perspectiva me permite pensar a situação dos surdos nas políticas de inclusão.

Todos os sujeitos surdos possuem identidade surda, e essa se apresenta de formas diferenciadas. Ela está diretamente vinculada com a forma de comunicação, que é um referente fixo para identificar o surdo, uma vez que é construída a cada interpelação feita entre sujeitos. Seus sentidos variam de acordo com o tempo, os grupos culturais, o espaço geográfico, o momento histórico.

Tendo uma base fixa de referência para explicar a identidade surda, ou seja - "*o que identifica o surdo é o uso da comunicação visual*" – parte-se do princípio de que, mesmo assim, é possível ver a identidade surda de forma plural, multifacetada, onde as identidades que surgem no grupo são negociadas entre seus membros e com as histórias que cada um deles possui. A constituição da identidade dependerá então, entre outras coisas, de como o sujeito é interpelado pelo meio em que vive.

Hall (1997) distingue três concepções muito diferentes sobre a identidade.

Tais concepções merecem ser trazidas para este contexto antes de entrar, mais especificamente, na reflexão que aqui proponho. As três concepções são as seguintes: **sujeito do iluminismo, sujeito sociológico, sujeito pós-moderno.**

O **sujeito do iluminismo**, segundo Hall, estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que, permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo.

O mesmo autor ainda acrescenta que "*o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino*". Nessa concepção, a representação da identidade do sujeito no iluminismo - como tão bem retratam as artes desse período reportavam a ser o sujeito imponente e masculino, portador de poderes, senhor, normal, capacitado e culto. Não havia lugar para o sujeito selvagem. Para construir sua identidade, prescindia de um enquadramento dentro do padrão de representação da cultura dominante. Assim, no iluminismo, não havia

lugar para o sujeito plural e cultural, visto que as identidades se moldavam dentro de uma representação única.

Outra concepção de identidade, em Hall (1997, p.11) é a do **sujeito sociológico**. Essa pode ser considerada uma visão um pouco mais ampla, uma vez que reconhece a importância do social para a formação do indivíduo. Apesar de admitir a influência do social na vida e construção do sujeito, esta concepção não abandona a idéia de uma "essência". O indivíduo possui uma essência, seu "Eu" que pode ser modificado, lapidado pelo mundo exterior. Nessa concepção, várias justificativas são apresentadas quando a sociedade se depara com as desigualdades crescentes entre os sujeitos. Por exemplo, a exclusão dos surdos na escola inclusiva, poderia ser explicada da seguinte forma: o surdo não foi suficientemente estimulado pelo meio em que vive para conseguir disputar com o ouvinte uma situação hegemônica. Este é apenas um exemplo, que posso mencionar, entre diversos outros que se utilizam da influência do social na formação do indivíduo.

A terceira concepção de identidade colocada por Hall (1997, p.13) refere-se ao **sujeito pós-moderno**, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

A partir da última interpretação de Hall (1997), é possível a exploração das identidades do sujeito surdo, concebendo-as a partir de uma visão situacional. Para uma concepção do sujeito surdo como portador de identidades culturais, preciso vê-los dentro da diferença. Está na diferença, na maleabilidade das representações, as possibilidades da construção e desconstrução das identidades surdas.

Trata-se de dizer que o sujeito surdo, descentrado, assume múltiplas dinâmicas e múltiplas culturas na formação de sua identidade. O desafio que se coloca é de como examinar essas identidades ou, quais relações de poder estão envolvidas na sua constituição.

Os Estudos Culturais em Educação, ao analisar as conjunturas históricas e discursivas na constituição dos sujeitos, assegura a emergência da discussão das identidades surdas. Entendo que o discurso autoritário ouvinte tem prevalecido nas práticas sociais, constituindo e mantendo a identidade e a cultura surdas subalternas e subordinadas. Resgatar esse tema nos estudos culturais permite olhar o surdo não mais como corpo mutilado, ou descapacitado, mas sim, como sujeito cultural dentro de uma questão de alteridade.

1.1 O encontro com a alteridade

O encontro com os autores pós-estruturalistas possibilita encarar a identidade surda a partir de uma perspectiva política, colocando as relações de poder no centro da discussão. Para mim, este olhar inquieto é uma reviravolta.

Bhabha (1994, p.80) reconhece a alteridade através da cultura:

*A alteridade cultural funciona como o momento da presença na teoria do *différence*. O destino da não satisfação se encontra preenchido pelo reconhecimento da alteridade. O símbolo (e não signo) da presença da significância do *différence*. A alteridade representa o ponto de equivalência da identidade num currículo no qual o que necessita provar os limites é assumido. Nega-se qualquer conhecimento da alteridade cultural enquanto um signo diferencial, implicando condições especificamente históricas e discursivas solicitando uma construção de práticas e leituras diferentes.*

Podemos entender, a partir de Bhabha (1994) que, o reconhecimento da alteridade sugere estratégias que permitem aproximar a dependência e a resistência culturais do sujeito surdo. Neste ponto entram aspectos específicos do surdo: a história, a questão lingüística da estrutura da língua de sinais, a necessidade de comunicação visual, o sinalizar das mãos, a arte, a educação específica. Todos estes signos / significados implicados na identidade, constituem-se como símbolos para a produção de sentido do sujeito possuidor de identidade surda. No entanto, esses significados são alternativas que aproximam o específico surdo. Um encontro com estas especificidades deixa um rastro de sentido para a pessoa surda. Essas especificidades prenunciam à pessoa surda que "ser surdo não é algo vazio", é indício de uma totalidade significativa.

A surdez física não interessa aqui, pois se constitui em uma visão patológica ou medicalizante, sendo uma questão delicada e totalmente diferente do que proponho a partir dos estudos culturais: é uma questão destituída de sentido quando se trata da representação na alteridade. A surdez física está representada socialmente pelo corpo mutilado e que leva consigo a necessidade da integração, o estereótipo e a normalização.

Os surdos que vivem nessas condições de subordinação parecem estar vivendo na "terra do exílio". Têm dificuldades de encarar formas vitais para contentar a todos. Este é um

ambiente em que vive a maioria dos surdos que são filhos de pais ouvintes. É o ambiente da cultura dominante. Ambiente da identidade hegemônica ouvinte.

O surdo pertence ao grupo das culturas subalternas. Portanto, há um local onde o fato, o valor e a representação das identidades surdas estão presentes. Assim, sempre existe a busca de locais onde possa encarar, aprender e usar instrumentos que tornem possíveis o senso de encontro com sua identidade. Essa emerge, se afirma e apaga fronteiras, transgredindo os tabus identificatórios da cultura dominante.

Identidade surda em situação de dependência

A identidade surda, dentro das diferentes categorizações de identidade, sempre está em proximidade e em situação de necessidade com o outro igual. Por que isso? Porque o surdo usa comunicação visual e não auditiva. O sujeito surdo, nas suas múltiplas identidades, sempre está em situação de necessidade em relação à identidade surda. A identidade surda é uma identidade subordinada ao semelhante surdo. Ela se parece com um ímã para a questão de identidades cruzadas. Uma pessoa surda me sinalizou, certa vez, de como se sentiu ao ver, pela primeira vez, Li forma de identificação dos sujeitos surdos:

*"aquilo no momento do meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha **II** comunicação que eu queria. aquilo que identificava eles identificava **II** mim também, e fazia ser eu mesma, igual"*

Muitos outros depoimentos de pessoas surdas podem ser citados para provar esta identidade ímã entre sujeitos, dos quais saliento ainda esse:

É neste sentir-se rejeitado em comunicação auditiva que nos faz sentir-nos mal em família. Não há um sentir-se igual. É impossível ser feliz num clima desses.

É o exílio do silêncio a que estamos sujeitos. Sujeitos a sermos devotados aos ouvintes e

sem esperanças... Eu percebo, é claro que a minha vida deve ser feita em outro grupo, com os surdos. Angústia é este sentimento. É preciso reconquistar o espaço que nos tiraram. Na verdade é uma perda angustiante.

Nossa presença entre ouvintes não é legal."

Ou ainda esse outro, de outra pessoa surda:

“Um dia descobri que nunca iria falar como os ouvintes, seria mesmo impossível. Era preciso pegar o meu jeito próprio de ser surda, de ter minha comunicação visual”.

Conheço casos de surdos que abandonaram os meios sociais ouvintes e foram viver com outros sujeitos surdos devido à necessidade de comunicação. As identidades surdas estão aí, e não se diluem totalmente no encontro ou na vivência em meios sócio-culturais ouvintes. Porém, essas identidades se tornam mais fortes quando isso se dá dentro dos movimentos surdos. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir do baú que guarda os adornos que faltam ao personagem.

Esta situação de dependência do outro - igual é visível e acaba por excluir todo e qualquer sujeito que não pertence ao grupo. Vejamos, por exemplo, o caso dos deficientes auditivos, aqueles que ouvem com dificuldade e corrigem esta falha com o aparelho auricular: esses sujeitos não se enquadram na dependência da comunidade surda que faz uso da comunicação visual e não auditiva.

1.2. Categorias de Identidades Surdas

Antes de iniciar as explanações sobre as várias categorias de identidade surda, precisa-se entender o conceito de ouvintismo e sua diferença com o oralismo.

Ouvintismo: ideologia dominante que trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. Forma atual de continuar o colonialismo sobre os surdos.

Oralismo: filosofia dominante, foi e segue sendo hoje, em boa parte do mundo, uma ideologia dominante dentro da educação do surdo. A concepção do sujeito surdo ali presente refere exclusivamente uma dimensão clínica - a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos patológicos - numa perspectiva terapêutica. A conjunção de idéias

clínicas e terapêuticas levou em primeiro lugar a uma transformação histórica do espaço escolar e de suas discussões e enunciados em contextos médico-hospitalares para surdos.

Surdo não é Deficiente, é apenas Diferente, com signos diferentes de ouvintes. Os surdos têm signos visuais enquanto os ouvintes têm signos auditivos. As pessoas surdas têm a sua comunicação visual, têm a sua própria língua, a língua de sinais permite que o surdo crie a sua linguagem interior, entender os conceitos da vida, e além disso também permite que o surdo tenha formação de linguagem e pensamento, ter orgulho de sua diferença, e além do mais é uma língua mais rica do que a falada.

Infelizmente a influência do poder ouvintista prejudica a construção da identidade surda, tornando evidente que as identidades surdas assumam formas multi-facetadas em vista das fragmentações a que estão sujeitas face à presença do poder ouvintista que lhe impõe regras, inclusive, encontrando no estereótipo surdo uma resposta para a negação da representação da identidade surda ao sujeito surdo.

Levando em conta os fatores sociais, familiares, o poder ouvintista que determinam na construção da identidade do sujeito surdo, há categorias de identidades surdas, uma vez que existem diferenças entre os surdos:

1.2.1 Identidade Surda Flutuante

Podemos identificar uma característica própria dos surdos subordinados ao oralismo e a integração: *identidades surdas flutuantes*'. Suponho a existência de identidades surdas, mesmo quando ela é negada por surdos ou ouvintes que atribuem à surdez uma condição de diversidade. Há surdos que vivem sob uma ideologia latente, que trabalha para socializá-los de maneira compatível com a cultura dominante. Esta identidade é interessante porque permite entrar em contato com o surdo “colonizado”. A hegemonia imposta pela representação da identidade ouvinte faz com que o surdo se espelhe nesta representação, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte.

Analisando as escolas de integração, vamos logo sentir que, naquele contexto, as professoras e professores ouvintes criam estratégias comunicativas por iniciativa própria para conseguir, assim, uma interação com o aluno surdo. Aí, o surdo sempre vai ter o ouvinte como o modelo de identidade. Essa é uma identidade onde o surdo nega a cultura surda e procura a cultura ouvinte. A representação da surdez neste ambiente é estereotipada (é feio ser surdo, eu sou como os ouvintes, eu falo, o surdo esconde a comunicação em LIBRAS...).

Diante da representação estereotipada da surdez que existe no ambiente ouvinte, alguns surdos querem ser ouvintizados a todo custo. Desprezam a cultura surda, sentem vergonha de usar LIBRAS, não têm compromisso com a comunidade surda. Diante disso, deveríamos levantar algumas questões: - Porque algumas clínicas e escolas proíbem o uso da LIBRAS, - Por que a integração tem sido mais no sentido de deixar o surdo como sendo menos dotado do que os ouvintes? Mesmo fora da escola, há surdos que são vítimas da ideologia ouvintista que segue determinando seus comportamentos e aprendizados. São muitos os casos e muitas as histórias de surdos já profissionalizados que não conseguiram conviver na comunidade ouvinte, por falta de comunicação fluente, e nem na comunidade surda, por falta da língua de sinais. São muitas histórias tristes e fracassadas de surdos vivendo identidades flutuantes. Lembro do caso de uma surda que anos atrás optou pela profissão de jornalista. No entanto sua escolha não teve sentido: ela não conseguiu prosperar na profissão, apesar de escrever corretamente bem.

É uma identidade surda reprimida, seja porque evitada, negada, escondida, ridicularizada, ou porque é o resultado de estereótipos. Há casos de surdos cujas identidades foram escondidas e nunca quiseram encontrar-se com outros surdos, muitas vezes os evitando. Porém, conseguiram adentrar-se no saber, junto aos ouvintes, numa contínua vida de demonstração de competência. É interessante notar como os ouvintes tecem redes de poderes e como elas vêm disfarçadas sobre o discurso da fala, da integração e do colonialismo.

Outro exemplo que podemos analisar é das escolas onde se sobressaem certas filosofias de ensino - como a oralista, a bimodal, a comunicação total, a bilinguista.

Gostaria de trazer alguns fragmentos de história de pessoas surdas que são caracterizadas como integradas. Essas histórias foram relatadas por esses surdos durante minha pesquisa sobre as identidades surdas:

1. A pessoa em questão capta poucos sons auditivos através do uso do aparelho de audição. Ela não se aceita como surda. Seus 11 irmãos são ouvintes. Ela não quer estar no mundo dos surdos e tudo faz para ser oralizada. Tem poucos amigos. Quando ela foi para o 2º Grau não gostava de LIBRAS, e ridicularizava a colega surda. Pedia-lhe para falar. Já nos primeiros dias de aula fez amizade com outra colega ouvinte, Elas ficavam juntas e conversavam. Não durou *muito* a

colega ouvinte deixou-a por outra. Dessa vez sentiu-se desanimada com a experiência. A colega não entende bem a fala e ela não consegue compreender bem a colega. A pessoa deficiente auditiva não tem boa voz, é muito mal articulada porque ouve mal. Ela também não conhece sinais. A sua vida parece oscilar como um pêndulo entre surdos e ouvintes, não consegue ter amigos. Rejeita os surdos e busca os ouvintes. Estes a rejeitam por ela não saber falar corretamente. Os surdos a evitam, pois ela não sabe sinais e não os aceita. É bem triste. São casos bem claros: ela fala, mas não é compreendida pelos ouvintes, tem vocabulário reduzido; ela não sinaliza perfeitamente visto que não lhe atrai as coisas dos surdos. É uma oscilação de não gostar de ir aos surdos e querer ir aos ouvintes sem ter onde fixar-se.

2. Eu estudava com ouvintes. Lembro-me de meu primeiro dia de aula. Não me identifiquei na hora da chamada, pois jamais vi pronunciar meu nome. Eu não sabia dizer que era surda. Nunca me ocorria que eu era diferente. Mas eu tremia toda. Tremia de medo, porque não fora apresentada a turma como sendo surda diferente e inteligente que eu era. Tremia visto que a professora me pediria para dizer algumas palavras e eu era incapaz de expressar meus pensamentos através de palavras. Meu medo era de que não me aceitassem como uma pessoa normal. Meu medo era de que as pessoas pudessem rir de mim, pudessem falar de mim sem ouvir o que eu pensava de mim. Tinha medo de que meu eu fosse rechaçado e temia as conseqüências posteriores. Naquela sala de aula eu era um ser humano neutro sem comunicação, impotente...
3. Vejamos agora o depoimento de uma surda militante: Presenciei um caso de integração onde o filho surdo estava sendo forçado pelos pais a estudar numa conceituada escola. A minha visita a ele deu-se inicialmente como um momento de feliz encontro. Os sinais eram os oásis que ele queria no seu ambiente. Mas ao falar sobre a escola, transpareceu totalmente a sua angústia diante da situação, sua incapacidade de lidar com a mesma, sua sensação de impotência diante da comunicação ouvinte. A escola, em vista da lei de integração, está tentando se adaptar totalmente para acolher o surdo. Os professores dizem que este aluno grita muito nos recreios e que ninguém se sente capaz de tocar neste estereótipo surdo. As práticas tradicionais na escola são de intensa comunicação oral, não somente a falada O surdo perde muito, nos exercícios em educação física, por exemplo, com comunicação auditiva, como o professor terá tempo para usar comunicação visual com este surdo? Como fica esta situação? Em sala de aula é um menino distante...

4. 1.2.2 Identidade Surda Incompleta

As identidades surdas inconformadas é outro tipo que podemos encontrar diante da representação da identidade ouvinte. Os ouvintes vêem o surdo como deficiente e os surdos não conseguem captar a representação da identidade ouvinte. São muitos os casos de surdos que não conseguem usar comunicação oral, tampouco a sinalizada, e então se refugiam na incapacidade. Neste ponto, ouvintes determinam seus comportamentos, vida e aprendizados. Neste grupo é visível o domínio determinante do ouvinte, sendo os surdos forçados a viverem a situação imposta como que conformados a ela. É uma situação de deficiência, de incapacidade, de inércia, de revolta. Existem casos de aprisionamento de surdos na família, seja pelo estereótipo ou pelo preconceito, fazendo com que alguns surdos se tomem incapacitados de chegar ao saber ou de decidirem-se por si mesmos.

A hegemonia dos ouvintes exerce uma rede de poderes difícil de ser quebrada pelos surdos, que não conseguem resistir a esse poder. Na família a falta de informação sobre o surdo é total e geralmente predomina a opinião do médico, e algumas clínicas reproduzem uma ideologia contra o reconhecimento da diferença. Estes são alguns mecanismos de poder construídos pelos ouvintes sob representações clínicas da surdez, colocando o surdo entre os deficientes ou retardados mentais.

1.2.3 Identidade Surda de Transição

Estão presentes na situação dos surdos que foram mantidos sob o cativeiro da hegemônica representação da identidade ouvinte e que passam para a comunidade surda. Transição é o termo usado para nomear o momento de encontro e passagem do mundo ouvinte, com representação da identidade ouvinte, para o mundo da identidade surda. Se a aquisição da cultura surda não se dá na infância, normalmente a maioria dos surdos precisa passar por este momento de transição, visto que grande parte deles são filhos de pais ouvintes. No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela des-ouvintização, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte. Embora passando por essa des-ouvintização, os surdos ficam com seqüelas da representação, o que fica evidenciado em sua identidade em reconstrução. Aqui podemos vislumbrar uma passagem da comunicação visual/oral para a comunicação visual sinalizada

1.2.4 Identidade Surda Híbrida

Elas se fazem presentes entre os surdos que nasceram ouvintes, e que com o tempo se tornaram surdos. É uma espécie de uso de identidades diferentes em "diferentes momentos. Estes surdos conhecem a estrutura da comunicação falada e usam-na como língua. Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam ela para a língua que adquiriram num primeiro momento de suas vidas. Como este é o meu caso, posso narrar minha experiência, porém, isso não é tão fácil de explicar. Surge a implicação entre ser surdo, depender de sinais, e o pensar em português, coisas bem diferentes que sempre estarão em choque. Assim, você sente que perdeu aquela parte de todos os ouvintes e você tem pelo meio a parte surda. Você não é um, você é duas metades.

O surdo que nasceu surdo usa sua comunicação em sinais. O surdo que nasceu ouvinte terá sempre presente as duas línguas. Porém a sua identidade terá de ir ao encontro das identidades surdas. Não ocorrendo essa identificação com o surdo, pode levá-lo ao isolamento, ou mesmo a uma tendência para a agressividade.

1.2.5 Identidade Surda

Ser surdo é, antes de tudo, uma passagem para o mundo visual. A criança surda, por exemplo, depende do senso da visão para aprender. Quando as informações necessárias são contidas em sinais audíveis, as crianças surdas perdem tudo. A criança surda precisa de língua de sinais para constituir linguagem. Isso lhe dá certo poder e autonomia para aprender os signos dos sinais de LIBRAS ou da palavra. Talvez eu devesse abrir espaço aqui aos surdos filhos de pais surdos. Eles são criados para conviver com o virtual do ser surdo sem que isso seja uma realidade particularmente perturbadora como o é para os filhos surdos de pais ouvintes. Mais intensamente quando adulto, nos movimentos surdos, a pessoa surda vai construir sua identidade política. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos de comunicação completamente visuais.

A partir de novas experiências compartilhadas dentro da comunidade surda, os surdos começam a narrar-se diferentemente. Ficam atentos para outras possibilidades e começam, através de outras interpelações, a serem representados por outros discursos que vêem os surdos como capazes e como sujeitos culturais. As múltiplas identidades, que surgem com os

diferentes discursos presentes no grupo, começam a ser questionadas e rearticuladas neste ambiente. As múltiplas posições e representações dos sujeitos surdos permitem estabelecer o transitório de novas identidades surdas, fundamentadas nas diferenças.

Conclusão

A formação de identidades surdas precisa ocorrer naquilo que chamamos de espaço de transição, ou seja, entre os espaços culturais surdos. As identidades surdas bem como as identidades culturais - são estruturas descentralizadas. Elas se estruturam no deslocamento das origens e têm articulação com práticas e prioridades culturais diferentes. Admitir que o surdo possa apenas ter uma representação de identidade, a identidade ouvinte, é quebrar a viabilidade flexível do "tomar-se", é fixar-se num sistema de significação fechado, recusando-se a manter uma área de significação flexível, ou seja, a negociação da representação. A alteridade deve estar presente para favorecer novas iniciativas inclusive a iniciativa política da surdez.

A possibilidade final de construção de identidade de fronteira pode dar-se após a construção da identidade original. Essa possibilidade quebra a narrativa colonial. O surdo naturalmente pode tomar-se um sujeito expressivo para projetar seu ser no mundo. Ele tem uma diferença e esta diferença enfrenta o mundo do medo capital dominante, ou seja, o cenário hegemônico. Esse medo capital é o que tanto a classe acadêmica quanto a ali vista devem abandonar.

A identidade surda é incômoda na sociedade, mesmo assim ela precisa ser assumida. Ela é um passo para assegurar a subjetividade da cidadania e esvaziar o individualismo agressivo da exclusão. Ela deve mover-se para além de uma mera celebração representativa da identidade ouvinte em seus moldes agrilhoados.

2. Comunidade Surda

Para Padden, Comunidade é:

“[...]um sistema social geral, no qual pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras [...]Uma comunidade é um grupo de pessoas que mora em uma localização particular, compartilha as metas comuns de seus membros e, de vários modos, trabalha para alcançar estas metas”.

2.1 Início das Organizações Surdas

O ano de 1834 pode ser dito como uma grande época de início das organizações surdas. Nos banquetes que as comunidades surdas realizavam na época, falavam muito do "povo surdo" e da "nação surda", enquanto a expressão "comunidade surda" teve origem mais recente. O elo que distingue a comunidade surda de outras comunidades e faz com que a comunidade surda determine a marcação simbólica de sua diferença, não pela nacionalidade, classe, raça, etnia, mas pela cultura.

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo em ser diferente em questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social (PERLIN, 1998)

Isso é bastante comum entre os grupos minoritários. E a tendência a buscar aspectos simbólicos que possibilitem a diferenciação como uma das discussões centrais entre o essencialismo e o não-essencialismo.

Essencialismo: pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia; por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja à verdade fixa de um passado partilhado, seja às verdades biológicas. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade.

É importante notar que essa busca do essencialismo, em alguns aspectos, torna-se bastante insistente; em outros, ela é mais amena. Isso tudo é importante, pois sempre há espaço para trocas com a comunidade ouvinte. Sobre a designação de povo e nação surda, os surdos formam um povo sem território e que seus clubes tomam esse lugar, e eles se sentem em sua casa, no lugar onde eles dominam.

Essa história de "povo surdo" começou em 1834, no momento em que os professores surdos Ferdinand Berthier (membro da Sociedade dos Homens de Letra de Paris, escritor brilhante e professor do Instituto Nacional de Paris) e Lenoir (colega de Ferdinand, mais tarde seria diretor da Escola de Lyon, na França) decidiram mobilizar os surdos. reuniram-se dez surdos, entre eles: Peysson de Montpellier e Mosca (pintores; há quadros de Peyson no Museu Histórico de Versailles na França). Se o objetivo era festejar o aniversário de nascimento do abade de L'Epée, mais tarde já se constituía uma reunião de sessenta surdos entre professores, pintores, gravadores e empregados. Eram surdos foragidos da elite da sociedade hegemônica, contudo eram surdos bastante capacitados e eficientes, eram representantes privilegiados da comunidade surda.

Aos poucos, as associações foram tomando forma. De início, aqueles surdos narravam entre si suas conquistas sociais, suas capacidades e suas aptidões. É bastante certo que esses encontros provocaram mudanças como a redescoberta do passado, ou seja, da forma como aprenderam a língua de sinais e como, a partir dela, posicionavam-se socialmente. Aos poucos, eles foram percebendo suas necessidades e criando as Associações, que, mais tarde, espalharam-se pelo mundo.

2.2 Origem das Associações Surdas no Brasil

Numa viagem ao exterior, o professor ouvinte Dr. Brasil Silvado Júnior entrou em contato com as associações de surdos dos países da Europa e trouxe a idéia de fundar a primeira associação de surdos do Brasil, no Rio de Janeiro. Segundo a revista Ephaphatha (1915), a idéia foi bem acolhida entre os surdos. Na primeira reunião para a organização dessa associação de surdos, em 24 de maio de 1913, foi registrada a presença de quase todos os surdos residentes no Rio. Dessa forma, iniciou a estruturação da Associação Brasileira de Surdos-Mudos. Nesse período, ao mesmo tempo em que os surdos se organizavam, também surgia, no Distrito Federal (atualmente o Estado de Rio de Janeiro), com sua força

avassaladora, as idéias do oralismo, cujo resultado final culminou com o controle dessa associação pelos ouvintes.

Em 16 de maio de 1953, uma outra associação denominada "Associação Alvorada de Surdos" surgiu no Rio de Janeiro. Era uma organização especial para um grupo de surdos oralizados da classe alta, da qual os surdos pobres e sinalizantes não podiam participar. A presidente dessa associação era a Sra. Ivete Vasconcelos, famosa professora ouvinte e adepta do oralismo, entretanto ela, bem mais tarde, aderiu às idéias da comunicação total e também aos ideais de Gallaudet, porém, com a sua morte, assumiu a presidência dessa associação o Padre Vicente de Paulo Penido Burnier que, por quase dezoito anos, esteve à sua frente. Essa associação mantém suas atividades até hoje, mas a grande diferença dos movimentos iniciados pelos surdos no Brasil está nas Associações de Surdos fundadas pelas lideranças surdas, que inauguraram um novo capítulo nas relações políticas entre surdos e ouvintes.

Em 1950, na cidade de São Paulo, alguns surdos que tinham liderança e ex-alunos do INES, costumavam encontrar-se para um bate-papo na praça da Matriz ou em alguma rua-ponto, independentemente de sua classe social. Essa prática teve sua origem com os alunos do INES, que se reuniam para conversar quando saíam das aulas. Tal comportamento se justificava principalmente pela possibilidade de trocarem informações na sua própria língua, sem o controle dos ouvintes e, também, pelo prazer de estarem juntos. Sempre que um surdo tinha tempo disponível, ele procurava se reunir com outros surdos em algum ponto de encontro.

Naquele período, também existiam as atividades de esporte, porém elas eram realizadas em conjunto com ouvintes devido à dificuldade que tinham para encontrar espaços para praticarem esportes entre si. Esses grupos, apesar de se reunirem permanentemente para um bom "bate-papo", não tinham idéia da existência das Associações de Surdos.

Essa reunião de surdos nas ruas de São Paulo não está distante da história dos surdos de todas as capitais e cidades brasileiras. Quase todas as Associações de Surdos, nos dias de hoje, têm o início de sua história nas reuniões em algum ponto de encontro, tanto nas ruas quanto nas praças. São raras as Associações de Surdos que iniciaram suas atividades na casa de surdos ou de algum ouvinte.

O início da Associação de Surdos de São Paulo deu-se devido a uma viagem de passeio a Buenos Aires realizada por um surdo (Armando Melloni) que participava de um desses grupos de encontro em Campinas/SP. Nessa viagem, ele conheceu surdos da Argentina

que participavam de uma Associação (Asociacion dos Sordosmudos Ayuda Mutua, primeira associação fundada da América Latina, originada nas comunidades surdas da França) que funcionava naquela capital argentina. Convidado a conhecê-la, constatou que os surdos tinham um espaço próprio para a associação. No retorno de sua viagem, esse surdo de Campinas relatou a sua experiência para os grupos de surdos que se encontravam nas ruas. Ao mesmo tempo em que ficaram admirados com a notícia, também tomaram a iniciativa de fazer contato com a diretoria dessa Associação, trazendo para o Brasil a sua forma de ver a organização dos surdos. Assim, os surdos de São Paulo fundaram a primeira Associação realmente de surdos no Brasil.

Ao ser fundada, em 19 de março de 1954, a Associação de Surdos de São Paulo passou a ter como meta criar novas associações, nos mesmos moldes, em outros Estados do país. Dessa forma, em janeiro de 1955, foi fundada a Associação dos Surdos do Rio de Janeiro e, em 30 de abril de 1956, a Associação dos Surdos de Minas Gerais.

Engajado nesse novo projeto de construção de Associações de surdos pelo Brasil afora, estava o professor Francisco de Lima Júnior, de Santa Catarina que, a exemplo dos outros surdos, fundou, em 1955, o Círculo dos Surdos em Florianópolis, além de colaborar com Salomão Watnick na fundação da Associação dos Surdos de Porto Alegre.

Segundo o surdo Dellatore, "as Associações de Surdos, além de funcionarem como ponto para encontro esportivo dos surdos, funcionavam também como divulgadoras da língua de sinais e como identificadoras da capacidade do surdo como cidadão", *apud* FENEIS,2002.

A Comunidade Surda Brasileira comemora, 26 de setembro, o Dia Nacional do Surdo, data em que são lembradas as lutas históricas vividas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania, bem como pelo pleno reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais e da cultura surda em todas as instâncias sociais. Esse dia é sugerida devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para Surdos no país em 1857, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos.

2.3 As comunidades Surdas no Brasil

No Brasil temos vários exemplos de comunidades surdas, inclusive há uma organização hierárquica das mesmas, constituídas por: uma Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS); seis Federações Desportivas e, aproximadamente 58 associações/clubes/sociedades/congregações, em várias capitais e cidades do Brasil (Felipe, 2001)

A CBDS tem como objetivo principal do seu trabalho o desenvolvimento esportivo dos surdos, onde realiza campeonatos masculinos e femininos em várias modalidades de esporte em nível nacional, e há pouco tempo se filiou a Confederação Internacional, oferecendo ao surdo brasileiro a oportunidade de participar de campeonatos esportivos internacionais.

Não podemos deixar de citar a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), federação esta fundada em 1987. Sua sede é no Rio de Janeiro, e já conta com três regionais sediadas em Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo, e ainda mais 100 entidades filiadas espalhadas por todo Brasil.

“FENEIS atua como um órgão de integração dos surdos na sociedade, através de convênios com empresas e instituições que empregam Surdos, bem como tem promovido e participado de debates, seminários, câmaras técnicas, congressos nacionais e internacionais em defesa dos direitos dos Surdos em relação à sua língua, à educação, a intérpretes em escolas e estabelecimentos públicos, a programas de televisão legendados, assistência social, jurídica e trabalhista”. (FELIPE, 2001, p.64)

2.4 Quem faz parte da Comunidade Surda

Nestas comunidades surdas não participam somente indivíduos surdos, mas encontramos também ouvintes e surdos que não são culturalmente surdos. Afinal quem são estas pessoas que fazem parte desta comunidade ou que poderão vir a fazer?

- 1) Surdos (de diferentes classes sociais);
- 2) Pessoas que se identificam com os problemas da surdez – profissionais, intérpretes, familiares...;
- 3) Filhos ouvintes de pais surdos e filhos surdos de pais surdos;
- 4) Surdos que não pertenciam a comunidade de surdos e que se juntam a ela mais tarde na vida;
- 5) Ensurdecidos com idade avançada;
- 6) Surdos somente oralizados;
- 7) Surdos sem comunicação nenhuma e analfabetos;
- 8) Surdos com deficiências associadas;
- 9) Surdos com comportamentos sexuais diferentes e declarados;
- 10) Surdos de diferentes religiões;
- 11) Eventualmente surdos de outras cidades ou países;
- 12) Religiosos.

3. Cultura Surda

3.1 Definição de Cultura

É através da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e é justamente isto que nós estudaremos neste capítulo, como o surdo se constitui através de sua cultura.

Tylor (1871 apud FERREIRA, 2003, p.10) define cultura “...como sendo todo comportamento apreendido que independe de uma transmissão genética”, ou seja, a cultura sofre influências do meio.

A lingüista surda Padden (1989 apud FELIPE, 2001, p.38) determinou diferenças entre cultura e comunidade. Para ela:

“uma cultura é um conjunto de comportamentos aprendidos de um grupo de pessoas que possui sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições [...] A cultura surda é mais fechada que a Comunidade Surda. Membros de uma cultura surda se comportam como as pessoas Surdas, usam a língua das pessoas de sua comunidade e compartilham das crenças das pessoas Surdas entre si e com outras pessoas que não são surdas”.

Cultura Surda

Com o passar do tempo, nos grupos humanos, forma-se um conjunto de pessoas, resultante das experiências de seus membros e todas postas em comum. Ao conjunto das imposições de conviver de um grupo é chamado "Cultura". Numa visão antropológica, é um conjunto sobredeterminado de valores, através dos quais um grupo de sujeitos, mesmo que mantidas diferenças individuais, pratica um mesmo modo de refletir sobre si mesmo e sobre o universo, podendo, assim, viver junto, partilhando crenças e costumes comuns. É aprendida socialmente.

Ao longo dos séculos, os surdos foram formando uma cultura própria centrada principalmente em sua forma sinalizada de comunicação, com modelo cultural diferente dos ouvintes. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos.

Do ponto de vista social e familiar, surgem problemas de origens comuns que são vistas sob dois aspectos, o preconceito social e a presença de um diferente sobre o dinamismo familiar, decorrendo daí as causas que tem gerado a formação de organizações próprias de surdos em defesa de uma causa comum. Em quase todas as cidades do mundo, vamos encontrar associações de surdos onde eles se reúnem e convivem socialmente. Se houver uma na sua cidade, não perca a oportunidade de visitá-la e praticar a língua de sinais e conhecer a sua interessante cultura.

As Diferenças Humanas

Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois, na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade 'disponível' para a maioria dos seres humanos. No entanto, essa parece ser uma questão de mero ponto de vista.

Segundo Montesquieu (*apud* Maupassant, 1997: 56-57), um órgão a mais ou a menos em nossa máquina teria feito de nós uma outra inteligência. Maupassant, em seu conto 'Carta de um louco', reflete sobre a tese acima, defendendo que 'todas as idéias de proporção são falsas, já que não há limite possível, nem para a grandeza nem para a pequenez (...) a humanidade poderia existir sem a audição, sem o paladar e sem o olfato, quer dizer, sem nenhuma noção do ruído, do sabor e do odor. Se tivéssemos, portanto, alguns órgãos a menos, ignoraríamos coisas admiráveis e singulares; mas se tivéssemos alguns órgãos a mais, descobriríamos em torno de nós uma infinidade de outras coisas de que nunca suspeitaríamos por falta de meios de constatá-las'.

Se não há limite entre a grandeza e a pequenez, e nenhum ser humano é exatamente igual a outro, podemos concluir que ser surdo não é melhor nem pior que ser ouvinte, mas diferente. É por não se tratar necessariamente de uma perda, mas de uma diferença, que muitos surdos, especialmente os congênitos, não têm a sensação de perda auditiva. Os surdos sem o sentimento de perda auditiva são levados a descobrir a surdez.

Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições de ambos: surdos e ouvintes. Por exemplo, enquanto um surdo não conversa no escuro, o ouvinte não conversa debaixo d'água; em local barulhento, o ouvinte não consegue se comunicar, a menos que grite e, nesse caso, o surdo se comunica sem problemas. Além disso, o ouvinte não consegue comer e falar ao mesmo tempo, educadamente, e sem engasgar, enquanto o surdo não sofre essa restrição. Se consideramos que os surdos não são 'ouvintes com defeito', mas

peças diferentes, estaremos aptos a entender que a diferença física entre pessoas surdas e pessoas ouvintes gera uma visão não-limitada, não-determinística de uma pessoa ou de outra, mas uma visão diferente de mundo, um 'jeito Ouvinte de ser' e um 'jeito Surdo de ser', que nos permite falar numa cultura de visão e noutra da audição.

3.2 Questão Multicultural Surda

No entanto, sabemos que surdos e ouvintes compartilham do mesmo espaço físico, de uma série de hábitos e costumes e de uma mesma cultura, imposta pela maioria ouvinte, no caso do Brasil, a cultura brasileira.

Podemos concluir então, que o surdo não vive somente dentro de sua própria cultura, mas que este está inserido em uma determinada sociedade que também possui sua cultura com aspectos próprios. Este fato faz com que os surdos se tornem indivíduos multiculturais, porém muitos consideram a cultura surda como uma subcultura, ou seja, subordinada a cultura majoritária ouvinte.

Para Wrigley 1996 *“A surdez é um país sem um lugar próprio; é uma cidadania sem uma origem geográfica”*.

Todavia, pelo fato de surdos e ouvintes encontrarem-se imersos, normalmente, no mesmo espaço físico e partilharem de uma cultura ditada pela maioria ouvinte, no caso do Brasil, a cultura brasileira, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes, ou seja, aspectos próprios da Cultura Surda, mesclados a aspectos próprios da Cultura ouvinte, fato que torna os surdos indivíduos multiculturais. Por esse motivo, Skliar (2001:28) é possível aceitar o conceito de Cultura Surda por meio de uma leitura multicultural, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções, pois a Cultura Surda não é uma imagem velada de uma hipotética Cultura Ouvinte, não é seu revés, nem uma cultura patológica.'

Em suma, caracterizar a Cultura Surda como multicultural é o primeiro passo para admitir que a Comunidade Surda partilha com a comunidade ouvinte do espaço físico e geográfico, da alimentação e do vestuário, entre outros hábitos e costumes, mas que sustenta em seu cerne aspectos peculiares, além de tecnologias particulares (vide mais abaixo), desconhecidas ou ausentes do mundo ouvinte cotidiano.

Sobretudo, os surdos possuem história de vida e pensamentos diferenciados, possuem, na essência, uma língua cuja substância 'gestual', que gera uma modalidade visual-espacial, implica uma visão de mundo, não-determinística como dito anteriormente, mas, em muitos aspectos, diferente da que partilha a Comunidade Ouvinte, com sua língua de modalidade oral, cuja substância é o 'som'. Em concordância com essa visão, Felipe (2001:38) afirma que os surdos possuem 'uma forma peculiar de apreender o mundo que gera valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas. A esse *modus vivendis* dá-se o nome de 'Cultura Surda'.

Bibliografia

FELIPE, Tanya A. e MONTEIRO, Myrna S. - LIBRAS em Contexto - Livro do Professor/instrutor - Curso Básico - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos / MEC - SEE. 2001

"Integração Social & Educação de Surdos". Rio de Janeiro, Babel Editora. 1993.

SKLIAR, Carlos (Org.) - A Surdez: Um olhar sobre as diferenças. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

SASSAKI, Romeu K. - Inclusão: Construindo uma sociedade para todos - 3ª ed. 2005